



## **Morar, Produzir e Preservar: o Assentamento “Filhos de Sepé” e a produção de arroz agroecológico em área de proteção ambiental**

*Live, Produce and Preserve: the Settlement “Filhos de Sepé” in Viamão-RS, and the production of agroecological rice in environmental protection area*

VALDAMERI, Amanda<sup>1</sup>; COSTA, Juliana de Almeida<sup>2</sup>, BETTO, Janaina<sup>3</sup>; NEUMANN, Pedro Selvino<sup>4</sup>; ZARNOTT, Alisson Vicente<sup>5</sup>, BELLE, Adilson Roberto<sup>6</sup>

<sup>1</sup> Universidade Federal de Santa Maria, amandavaldameri@gmail.com; <sup>2</sup> Universidade Federal de Santa Maria, julianaalmeidacosta2017@gmail.com; <sup>3</sup> Universidade Federal de Santa Maria, janabetto@gmail.com; <sup>4</sup> Universidade Federal de Santa Maria, neumannsp@yahoo.com.br; <sup>5</sup> Universidade Federal de Santa Maria, alisson.zarnott@gmail.com; <sup>6</sup> Universidade Federal de Santa Maria, adilsonbelle@acad.ufsm.br

### **RESUMO EXPANDIDO TÉCNICO CIENTÍFICO**

#### **Eixo Temático: Biodiversidade e Conhecimentos das/os Agricultoras/es, Povos e Comunidades Tradicionais**

**Resumo:** A agroecologia está presente nos assentamentos da Região Metropolitana de Porto Alegre (RMPA), responsáveis pela produção do arroz de base ecológica. O objetivo deste trabalho é descrever as particularidades existentes no assentamento “Filhos de Sepé” que se encontra em uma Área de Proteção Ambiental. Utilizou-se como principal metodologia a revisão bibliográfica, além de entrevistas semiestruturadas e acesso a mídias digitais do MST. Com isso, foram apontadas particularidades da estruturação do processo produtivo e organizativo do arroz de base ecológica no assentamento Filhos de Sepé, evidenciando ali existir uma aliança entre produção e preservação ambiental.

**Palavras-chave:** cooperativismo; meio ambiente; reforma agrária.

#### **Introdução**

A produção de arroz agroecológico nos assentamentos da RMPA (Região Metropolitana de Porto Alegre – RS) teve início no ano 1995 (MENEGON *et al.*, 2009). Inicialmente, os assentados tiveram dificuldades em se adaptar às áreas baixas (de várzea), no entanto, a mais de duas décadas as famílias assentadas investem na produção do arroz agroecológico, equilibrando geração de renda com respeito ao meio ambiente. Para tal, precisaram desenvolver um método de cultivo baseado em trocas com agricultores que já desenvolviam o sistema biodinâmico (SPERLING, 2020). Hoje, segundo o Instituto Rio Grandense do Arroz (IRGA) (BBC, 2017), a produção de arroz agroecológico do MST é a maior da América Latina (MST, 2023).

Para o MST, esse arroz produzido pelos assentados é agroecológico, pois o movimento considera a diferença entre agricultura orgânica e Agroecologia, onde a primeira se refere a técnicas de cultivo, enquanto a segunda é uma ciência e também carrega um caráter político por abranger tanto as dimensões produtivas e econômicas, como também dimensões sociais e culturais. Essa concepção de Agroecologia se encontra em consonância com Altieri (1987), que afirma que a



partir do conhecimento profundo da ecologia humana e dos sistemas agrícolas, pode-se construir processos coerentes em direção à sustentabilidade.

Dentre os assentamentos da Região Metropolitana de Porto Alegre está o assentamento Filhos de Sepé, localizado no município de Viamão-RS. Este trabalho tem por objetivo descrever as particularidades do referido assentamento, pois o mesmo está inserido em uma Área de Proteção Ambiental (APA), o Refúgio da Vida Silvestre Banhado dos Pachecos, o que gerou a obrigação de produzir respeitando uma série de parâmetros de sustentabilidade ambiental.

## **Metodologia**

Esse trabalho foi desenvolvido como uma pesquisa qualitativa, realizada a partir de uma revisão bibliográfica, entrevistas semiestruturadas com informantes-chave e acesso a mídias digitais do MST. Como Minayo (2011) explica, o verbo principal da análise qualitativa é compreender, o que implica levar em conta todas as particularidades dos indivíduos, mas também entender o contexto de suas experiências no coletivo. A realização desse artigo é fruto do trabalho desenvolvido pelo Núcleo de Extensão e Pesquisa em Territorialidades, Extensão Rural e Reforma Agrária (TERRA) da UFSM, para compreensão dos passos e caminhos percorridos pelo MST na transformação da matriz de produção do arroz. Em busca de compreender e sistematizar esta experiência, o grupo realizou uma saída a campo e diferentes pesquisas bibliográficas abordando as diversidades e especificidades existentes em cada cooperativa e município, dando fruto a diferentes trabalhos elaborados pelo Núcleo.

## **Resultados e Discussão**

### **Dados Gerais sobre Viamão-RS e o assentamento “Filhos de Sepé”**

Segundo o IBGE (2021), o assentamento se encontra em Viamão-RS, município que tem uma população de 239.384 habitantes e área total de 1.494,263 Km<sup>2</sup>. Da população total, 6,1% é considerada rural e destas, 51,7% são homens e 48,3% são mulheres. O cultivo agrícola mais importante é o arroz, com produção de 133.878 toneladas em 18.698 hectares.

“Filhos de Sepé” é o único assentamento do município e está entre os maiores do RS, com 9.450 hectares. Conta com 321 estabelecimentos agrícolas, média de 8,1 hectares cada e é dividido em quatro setores. Foi criado em 1998 e é oriundo da aquisição da Fazenda Santa Fé, que pertencia à empresa Incobrasa Agrícola S.A. Segundo Diel (2011), as famílias assentadas vieram de 115 municípios. Eram agricultores familiares, proprietários, meeiros e arrendatários e chegaram com experiência em cultivo de fumo, hortaliças e arroz irrigado. O processo de assentamento teve início através de um “Contrato de Assentamento Provisório” junto ao INCRA, que estabelecia normas de permanência na área, em função da relevância das questões ambientais do assentamento, integralmente localizado na APA Banhado Grande.



## **A cadeia do arroz agroecológico no assentamento “Filhos de Sepé”**

Nos assentamentos da RMPA o cultivo de arroz de base ecológica iniciou no ano de 1999 em dois assentamentos. Dez anos depois a cadeia já envolvia 211 famílias, com mais de 2 mil hectares cultivados (BOGNI; BRACAGIOLI, 2018). Em 2002 foi criado o “Grupo Gestor do Arroz Agroecológico”, constituído por famílias assentadas tinha por objetivos a realização de trocas de experiências entre os produtores e o crescimento do número de famílias na produção (MENEGON et al., 2009). Conforme manifestado por um dos informantes-chave, o Grupo Gestor hoje é formado por representantes das cooperativas, tem uma importância estratégica atualmente por ser um espaço para diálogo e discussão das demandas dos produtores, dificuldades e empecilhos da produção, questões burocráticas como licenciamento ambiental, custeios, viabilidade para compra de insumos, escoamento da produção, entre outros. Ele afirma que o Grupo Gestor organiza todos os eixos sejam eles sociais, econômicos, políticos ou produtivos.

No início, poucas famílias assentadas tinham conhecimento de manejo em área de várzea (DIEL, 2011), implicando alguns abandonos por parte daqueles que não conseguiram obter renda com a produção. No ano de 1998, famílias vindas de Camaquã cultivaram uma pequena área do assentamento em sistema convencional, visto que possuíam experiência e maquinário.

Na safra seguinte, a área de cultivo foi ampliada. Segundo Diel (2011), na safra de 2001/02 a área plantada foi estimada em 1500 hectares, por influência dos “Catarinas”<sup>1</sup>. É importante destacar que após esta safra começou-se a cultivar arroz agroecológico com iniciativas da Cooperativa de Prestação de Serviços Técnicos Ltda (COPTec), culminando na Associação dos Produtores de Arroz e Peixe do Assentamento Filhos de Sepé.

Naquela época o uso do solo, água e estruturas de irrigação não contavam com um planejamento por parte dos produtores de arroz. A água utilizada na irrigação era proveniente de uma barragem existente no assentamento, sem um método eficiente de gestão. Assim, em 2004 o convênio entre FAURGS<sup>2</sup>/UFRGS<sup>3</sup>/IPH<sup>4</sup> e INCRA<sup>5</sup> realizou um estudo na APA para determinar os limites da utilização dos recursos hídricos. As conclusões indicaram uma insuficiência da disponibilidade de água, pois a área de produção ultrapassava os limites de disponibilidade hídrica. Dessa forma, a Secretaria Estadual de Meio Ambiente (SEMA) fixou um limite de uso da água da Barragem das Águas Claras, onde a área de cultivo máxima seria de 1.600 hectares por safra, pois a irrigação por gravidade conseguiria atender a essa demanda. De acordo com Diel (2011, p. 60):

---

<sup>1</sup> Agricultores catarinenses que arrendavam as terras para plantar arroz irrigado convencional.

<sup>2</sup> Fundação de Apoio da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>3</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

<sup>4</sup> Instituto de Pesquisas Hidráulicas

<sup>5</sup> Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.



A proposta de modelo de gestão para o assentamento foi de um Distrito de Irrigação, que vem a ser uma associação civil de direito privado sem fins lucrativos, constituída pelos camponeses irrigantes do assentamento, tendo por função principal, mediante delegação do INCRA, a administração, a operação e a manutenção da infraestrutura de irrigação de uso comum.

Como relata Diel (2011), no ano de 2007 conclui-se a divisão dos lotes da área de várzea e somente 256 famílias ficaram com lotes que pertenciam ao perímetro de irrigação e teriam a possibilidade de cultivar arroz irrigado. Passaram então a constituir o Distrito de Irrigação os moradores dos setores A, C e D. Ele evidencia que as cobranças ambientais feitas aos assentados, por um manejo adequado das águas na APA, foram muito maiores do que cobranças feitas a outros produtores.

No ano de 2008, com intervenções do Ministério Público foi exigido que todo o plantio de arroz deveria ser em sua totalidade agroecológico (RIBEIRO,2014). Assim, os produtores envolvidos tiveram que mudar sua forma de produzir e os que não se adequaram acabaram tendo sua safra confiscada. Isso de certa forma fortaleceu o trabalho cooperativado como uma saída necessária para manter a produção, torná-la viável e construir uma transição para a Agroecologia. Apesar das condições adversas, os assentados não desistiram e não abandonaram o sonho da terra própria e da produção agroecológica. Deste processo de resistência e organização surge a Cooperativa dos Produtores Orgânicos da Reforma Agrária de Viamão (COPERAV), fundada em 2009, com o objetivo de organizar a produção orgânica.

Além da COPERAV, a Cooperativa Regional dos Assentados da Região de Porto Alegre (COOTAP) também atua no assentamento. Preiss, Dal Soglio e Kubo (2014, p. 53) falam da importância da COOTAP que engloba várias famílias assentadas da região:

[...] a partir da sua atuação a Cooperativa oferece condições de acesso para financiamento e compras mais sintonizadas com a lógica dos assentados, além de conseguir valores mais em conta ao realizar os pedidos de insumo em grande quantidade.

Hoje a realidade mostra que se adaptaram bem às mudanças e que a Agroecologia é uma alternativa viável. Além disso, reafirma-se a importância da organização coletiva e do cooperativismo para a viabilidade da cadeia produtiva do arroz agroecológico.

### **O Refúgio da Vida Silvestre “Banhado dos Pachecos”**

Criada em 23 de outubro de 1998, a Área de Proteção Ambiental (APA) do Banhado Grande está situada nos municípios de Glorinha, Gravataí, Santo Antônio da Patrulha e Viamão. Possui 133.000 ha e nela insere-se o conjunto de banhados formadores do Rio Gravataí (SEMA, 2009). Uma área que seria destinada ao assentamento, foi cedida à SEMA com o intuito da criação, em 2002, da Unidade de Conservação Banhado dos Pachecos, caracterizada como Unidade de Proteção Integral, como Refúgio de Vida Silvestre. Nela encontram-se diversas espécies de



animais silvestres, sendo o banhado um dos principais ecossistemas reguladores do ciclo das águas. Uma APA geralmente é extensa e seus principais objetivos são proteger a diversidade existente, assegurar a sustentabilidade e proteger os ambientes naturais que servem de local para reprodução da fauna e flora (DIEL, 2011). O ecossistema presente na APA está relacionado ao bioma pampa e tem fundamental importância para o abrigo da fauna residente e migratória. Diversas aves de interesse especial para conservação estão ali, como o veste-amarela (*Xanthopsar flavus*), a noivinha-de-rabo-preto (*Heteroxolmis dominicana*), o macuquinho-da-várzea (*Scytalopus iraiensis*) e o curiango-do-banhado (*Eleothreptus anomalus*). Ali estão os últimos indivíduos do cervo-do-pantanal (*Blastocerus dichotomus*) sobreviventes em todo o Rio Grande do Sul (SEMA, s/d).



Figura 1 – Imagem do Refúgio da Vida Silvestre Banhado dos Pachecos.  
Fonte: acervo pessoal.

Conforme manifestado por outro informante-chave, a partir da experiência do arroz agroecológico no Assentamento Filhos de Sepé as famílias estão tendo uma experiência de produção em consonância com a preservação. O informante afirma que mesmo sendo difícil a ideia de “morar, preservar e produzir” em um mesmo espaço, os assentados provam que é possível e se orgulham muito disso. Nesse sentido, tratam a água como um bem natural que os possibilita produzir, utilizando-a para irrigação das lavouras e ao mesmo tempo, a barragem é um reservatório que na época da seca fornece água ao Rio Gravataí, utilizado pela população urbana. Isso estabelece a relação entre produção e proteção ambiental e também implica em uma relação mais sustentável entre campo e cidade.

## Conclusões

A condição ambiental do assentamento influenciou a forma de produção e organização das famílias, necessitando a adaptação dos assentados a esta realidade. Receber terras dentro de uma APA e torná-las produtivas com o mote da preservação ambiental foi e é um desafio, porém, isso não fez os assentados



desistirem da ideia de permanecer nessas terras e nelas produzir. O processo de transição agroecológica tem se dado ao longo do tempo como uma forma viável economicamente, socialmente e ambientalmente possível neste assentamento.

### Referências bibliográficas

ALTIERI, Miguel. **Agroecologia: a dinâmica produtiva da agricultura sustentável**. 5.ed. Porto Alegre : Editora da UFRGS, 2004. 120 p.

BOGNI, André; BRACAGIOLI, Alberto. Narrativas da transição: a produção agroecológica de arroz na região metropolitana de Porto Alegre. **Retratos de Assentamentos**, v. 21, n. 2, p. 66–83, 1 ago. 2018.

DIEL, Ricardo. **Gerenciamento de Recursos Hídricos**: um estudo de caso no assentamento Filhos de Sepé, Viamão (RS). Mestrado em Agroecossistemas (dissertação) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011. 85p.

GODOY, Daisy P. **Acompanhamento do projeto de redesenho da matriz agroecológica no Assentamento Filhos de Sepé – Viamão (RS)**. Trabalho de Conclusão de Curso (Agronomia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2020.

IBGE, 2023. Disponível em: <<https://cidades.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2023.

MENEGON, Leandro L.; FAGUNDES, Leandro; RIBEIRO, Orestes; CADORE, Edson. Produção de Arroz Agroecológico em Assentamentos de Reforma Agrária no Entorno de Porto Alegre. **Cadernos de Agroecologia**, v. 4, n. 1, 31 dez. 2009.

MINAYO, Maria C. de S. Análise qualitativa: teoria, passos e fidedignidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 17, n. 3, p. 621–626, 1 mar. 2012.

MST. **Arroz orgânico do MST: a agroecologia pode produzir em larga escala e contrapor o agronegócio**. Disponível em: <<https://mst.org.br/2023/04/11/arroz-organico-do-mst-a-agroecologia-pode-produzir-em-larga-escala-e-contrapor-o-agronegocio/>>. Acesso em: 21 jun. 2023.

SEMA. **Refúgio de Vida Silvestre Banhado dos Pachecos**. Disponível em: <<https://www.sema.rs.gov.br/refugio-de-vida-silvestre-banhado-dos-pachecos>>. Acesso em: 23 jun. 2023.

SPERLING, Daiane R.; CALDAS, Nádia V.; POLLNOW, Germano E. O arroz ecológico Terra Livre: desenvolvimento e compromisso social. Pelotas, UFPEL, 2020.